

Transcendentalidade e historicidade: Derrida leitor de Husserl

Transcendentality and Historicity: Derrida Reader of Husserl

*Alberto Marcos Onate

Resumo: O artigo procura reconstruir a relação entre os pensadores francês e alemão, adotando o tema da história por fio condutor. A questão-chave concerne à possibilidade de elaborar-se uma história transcendental. Tal história, caso seja viável, constituirá uma historicidade, pois deverá descrever a(s) gênese(s) do(s) sentido(s) no intercâmbio necessário e incontornável entre as dimensões transcendental e empírica. Como reduzir os vários fenômenos egóicos, temporais, intersubjetivos, etc. sem perder o âmbito empírico em que eles enraizam-se? Eis o principal desafio colocado pelos textos derridianos à obra de Husserl.

Palavras-chave: História. Transcendental. Gênese. Derrida. Husserl.

Abstract: The present article seeks to reconstruct the relationship between the French and German thinkers, adopting the theme of history as a thread. The key question concerns the possibility of developing a transcendental history. Such a history, if feasible, would provide a historicity, as it would have to describe the genesis of meaning(s) in the necessary and unavoidable exchange between the transcendental and empirical dimensions. The question is how to reduce the various egoic, temporal, and intersubjective phenomena, without losing the empirical domain in which they take root? This is the major challenge posed by Derrida's texts on the work of Husserl.

Keywords: History. Transcendental. Genesis. Derrida. Husserl.

* Professor de Filosofia na graduação e no mestrado da Unioeste. Mestre e doutor em Filosofia pela USP. Pós-doutor em Filosofia pela PUCRS.

I

Quanto ao modo de sua instauração, o diálogo filosófico comporta múltiplas direções efetivadoras. Duas orientações podem ser destacadas: 1) O debate entre pensadores a partir de tema(s) comum(ns); 2) O trabalho dos intérpretes ou comentadores em relação ao(s) texto(s) e tema(s) desenvolvidos pelos pensadores. No segundo caso, trata-se de pensar as questões abordadas pelos pensadores a partir dos limites traçados por eles, mesmo que seja para aprofundá-las, desenvolvê-las, complementá-las, ou também para modificá-las, corrigi-las ou transformá-las. Embora, às vezes, numa postura divergente a do pensador, o intérprete opera no campo aberto pelo primeiro, sem lograr extrapolá-lo. Esta é, na grande maioria dos casos, a sua contribuição importante, mas bem demarcada, para o cenário filosófico. No primeiro caso, porém, do diálogo entre pensadores, os limites pensantes constituídos pelo precursor são franqueados pelo sucessor, numa dinâmica fecunda de criação a partir do material já elaborado. É o que parece ocorrer na relação entre Husserl e Derrida, sobretudo, nos primeiros textos sistemáticos dedicados pelo pensador francês à obra do pensador alemão: 1) *O problema da gênese na filosofia de Husserl*; 2) A introdução à tradução francesa d'*A origem da geometria*; 3) *A voz e o fenômeno*.¹

¹ Destaco dois intérpretes, de inspiração derridiana, que analisam, a partir de perspectivas diferentes, os mesmos textos que privilegio em minha abordagem da relação entre o pensador francês e o alemão, mas ambas fecundas enquanto estratégias próprias de leitura. Considerando a quantidade e profundidade dos pontos convergentes e divergentes entre tais comentários e o meu, abstenho-me, devido às dimensões próprias de um artigo acadêmico, de discuti-los singularmente. O primeiro é Leonard Lawlor, autor do livro *Derrida and Husserl: the basic problems of phenomenology*. O segundo é Joshua Kates, autor do artigo *Derrida, Husserl, and the Commentators: Introducing a Developmental Approach* e do livro *Essential History: Jacques Derrida and the development of deconstruction*. Influenciado, principalmente por Heidegger (a questão do ser) e Merleau-Ponty (a ontologia da interrogação), o primeiro procura "reconstruir e refletir sobre a transformação derridiana da ontologia heideggeriana" (Lawlor, 2002, p. 2). Questiona-se sobre os elementos conceituais e argumentativos da consideração derridiana de que a fenomenologia husserliana, mediante as diferenças entre as noções de signo e de palavra, conduz a seu ponto culminante a metafísica da presença. Buscando resgatar o contexto das obras derridianas dedicadas à análise das concepções do pensador alemão, o intérprete estadunidense escreve uma "espécie de narrativa do período formativo de Derrida desde aproximadamente 1954 a 1967... Esta 'narrativa', como todas as narrativas, tem um começo, um meio e um fim. Ela começa com o problema da gênese sendo resolvido através de uma 'originária dialética de fenomenologia e ontologia'. No meio, há a transformação do problema da gênese no problema do signo, e fenomenologia e ontologia chegam a um fim. A narrativa, então, chega a seu clímax certamente em 1967 com *A voz e o fenômeno*: Derrida desconstrói a metafísica da presença para expor a experiência da *différance*, a qual desencadeia o inaudito da questão. O epílogo é a 'virada' à promessa" (Lawlor, 2002, p. 7). O segundo intérprete considera que a fenomenologia husserliana constitui

Escrito em 1953-54 e publicado só em 1990, *O problema da gênese na filosofia de Husserl*² constitui um importante trabalho não apenas para conhecer-se o período inicial da obra do filósofo francês, mas, sobretudo, para avaliar-se a concepção husserliana de história.³ Comentando pontualmente as obras de Husserl publicadas à época e os textos do *Nachlass* consultados em Louvain, Derrida diagnostica as dificuldades husserlianas para conciliar as dimensões empírica e transcendental da noção de história, impasses devidos principalmente à primazia do teórico sobre o prático no conjunto da obra do filósofo alemão. Na etapa final da empreitada husserliana, mormente na *Krisis*, tais óbices conduziriam a uma filosofia da história alicerçada numa história da filosofia de caráter formalista, cujas origens e transformações genéticas careceriam de explicitação conceitual e argumentativa.

Colocando em xeque o projeto husserliano de descrição pura do originário e do simples, Derrida denuncia a irreduzível contaminação originária da origem, a incontornável corrupção inicial do simples,⁴ cuja consequência mais profunda é a impossibilidade da distinção entre transcendental e empírico, mesmo quando sustentada por procedimentos redutivos radicais. O conceito de gênese desempenha um papel decisivo em tal estratégia questionadora, pois é a partir dele que se estratificam os polos constituintes e constituídos do processo constitutivo transcendental, cujos meandros perfazem o tema privilegiado da descrição proposta pela fenomenologia em sua vertente husserliana. Apresentam-se questões relevantes, tais como: há um começo absoluto ou apenas inícios relativos? Há e quais são as conexões entre os eventos históricos mundanos e a dimensão transcendental? Comporta a transcendentalidade algum tipo

o meio no qual a desconstrução derridiana foi forjada, e desenvolve uma leitura histórica, *desenvolvimentista* (*developmental*) dos textos iniciais do pensador francês, concentrados na obra do pensador alemão. Tal leitura mostra-se indispensável, pois, “Afinal, quase em todo lugar, até hoje, os muitos trabalhos de Derrida são tomados como um conjunto essencialmente homogêneo, um simples cânone contínuo. A cronologia dos escritos de Derrida é quase sempre ignorado pelos comentadores, e posições separadas assumidas por Derrida em dez ou vinte anos são rotineiramente enfocadas em conjunto, sem mais comentários” (Kates, 2005, p. XVII). O intérprete confessa ainda que: “Às vezes discordando de Derrida, meu objetivo é clarificar que as decisões interpretativas que Derrida tomou não são sempre auto-evidentes, que estas se formam dentro de um amplo âmbito de alternativas – com o objetivo, novamente, de revitalizar ao máximo o pensamento de Derrida e o tipo de discussão filosófica ou teórica em que ele participa mais geralmente” (Kates, 2005, p. XVIII).

² Doravante abreviado como *PGFH*.

³ Para compreender o(s) modo(s) em que se estruturaram as leituras derridianas de filósofos, literatos etc. e as repercussões que elas suscitaram, mostra-se fecunda a consulta ao artigo de CRITCHLEY, S. *Derrida: the reader*, O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, n. 21, maio de 2007.

⁴ Conforme página VII de *PGFH*.

de história? Qual o vínculo entre a gênese transcendental e a gênese empírica?

Procurando corresponder ao movimento pensante do conjunto da obra husserliana disponível à época, sem sucumbir a uma abordagem cronológica estrita e estéril, Derrida explora o estabelecimento husserliano do tema da gênese enquanto fio condutor, bem como investiga as implicações de seus principais desdobramentos. Para o filósofo francês, a passagem de Husserl da matemática à filosofia ocorre sob os auspícios de uma posição oscilante entre um psicologismo sustentado, mormente, por Mill, Sigwart, Lipps, Wundt e Stumpf, e um logicismo inspirado em Kant e Natorp. A condução subreptícia do debate entre psicologistas e logicistas estaria já reservada ao problema da gênese: os primeiros defendendo “uma gênese sem objetividade” (PGFH, p. 53), os segundos afirmando “uma objetividade sem gênese” (PGFH, p. 53). Embora no início de seu itinerário filosófico Husserl aproxime-se dos primeiros, não o faz sem restrições, mormente no que concerne às implicações relativistas e céticas de suas concepções. De modo complementar, mesmo rechaçando o formalismo transcendental estrito dos segundos, ele resguardará alguns de seus pressupostos: a busca de fundamento para a lógica e a filosofia, a distinção entre dois âmbitos da consciência: lógico e psicológico. A lacuna comum a logicistas e psicologistas deriva do caráter constituído de seus pontos de partida: fatos de consciência no primeiro caso e estruturas meramente formais no segundo caso. A alternativa husserliana consiste em partir da vivência (*Erlebnis*) originária, cujo caráter é estritamente intencional, prévia à dicotomia lógico-psicológico.

Intencionalidade que comanda obliquamente a tessitura da primeira obra husserliana, dedicada ao problema da gênese da aritmética. A constituição dos números depende dos atos conscientes de contar multiplicidades, efetuados por uma subjetividade natural, real e descritos intencionalmente mediante procedimentos genéticos empíricos. Afastando-se da abordagem tradicional da *Filosofia da Aritmética*, enquanto dominada por uma orientação psicologista estrita, avalizada em certa medida pela própria avaliação retrospectiva de Husserl, Derrida considera que a obra é “a expressão simultânea de um psicologismo e de um logicismo, pois a gênese, não sendo aí plenamente compreendida, aparece sempre sobre o fundamento de essências lógicas autônomas” (PGFH, p. 62-63). Grave ambiguidade exemplificada na gênese do conceito de pluralidade, em que participam simultaneamente atos psicológicos determinados de abstração e conteúdos objetivos essencialmente indeterminados, dificultando a precisão de qual âmbito funda o outro na relação de síntese. Remanescem lacunas argumentativas na explicação do processo genético de produção (*Leistung*) das unidades ideais aritméticas

com base em atos subjetivos múltiplos. Deficiências expositivas decorrentes do estatuto ambíguo atribuído ao tempo, exposto ainda num nível estritamente empírico, psicológico, mas cujas implicações já remetem a uma instância transcendental não tematizada: “de uma parte, a síntese dos elementos unidos numa totalidade implica uma ‘apresentação’ simultânea desta multiplicidade de elementos; de outra parte, as sínteses produzindo as totalidades e as pluralidades se efetuam segundo processos temporais” (*PGFH*, p. 63). Hesitação respeitante ao tempo, que repercute no conceito de ligações coletivas (*collective Verbindungen*) enquanto relações unificadoras da pluralidade de objetos, impedindo que se estabeleça com clareza o vínculo fundante entre as relações primárias ou objetivas e as relações psicológicas e, principalmente, tornando obscuro o vínculo genético entre tais relações e a noção formal de algo em geral (*etwas überhaupt*). É esta noção que, em última instância, possibilita tanto as unidades aritméticas quanto o processo abstrativo mediante o qual elas constituem-se, mas o estatuto da própria noção não pode ser esclarecido apelando-se aos argumentos de carácter empírico-genético elaborados por Husserl, pois eles desembocam num psicologismo transcendental cuja equivocidade é constatada e condenada, mormente nos textos tardios do pensador alemão. *Mea culpa* que, na leitura de Derrida, acarreta a decisão husserliana de abandonar o projeto do segundo volume da *Filosofia da aritmética*, por não lograr, mediante os pressupostos teóricos da obra inaugural, a justa medida entre logicismo e psicologismo, obrigando-se ao recomeço do questionamento a partir de vias alternativas de investigação.

As *Investigações lógicas*, *prima facie* propõem-se a contornar a disjunção, limitando-se ao componente lógico, em detrimento do psicológico. O primeiro volume da obra parece elaborado em consonância a tal orientação. Derrida considera que “Num sentido, o logicismo do primeiro volume das *Investigações lógicas* ultrapassou definitivamente o psicologismo da *Filosofia da Aritmética*. Nunca Husserl aí retornará – ao menos em intenção” (*PGFH*, p. 92). Tal logicismo, porém, alicerçado numa noção formal e constituída de *a priori*, permanece ligado a um psicologismo *sui generis* baseado na noção de ato intencional. Solução híbrida que conduz Husserl à formulação de um domínio constitutivo neutro, a uma concepção mais originária de subjetividade, âmbito cujas implicações fenomenológicas começam a ser exploradas no segundo volume das *Investigações lógicas*. Derrida defende que, no período de 1901 a 1919-20, a meditação husserliana é dominada pelas reiteradas tentativas de neutralização da gênese, sob os auspícios de uma compreensão constitutiva meramente estática. Entendendo que, nas seis *Investigações lógicas* e em *A filosofia como ciência rigorosa*, Husserl dedica-se, prioritariamente, a explicitar a originariedade da subjetividade

transcendental, o pensador francês concentra sua análise nas *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*, cujo texto-base é de 1905.

Já em seu início, o texto husserliano aponta as dificuldades inscritas na descrição dos vínculos entre o tempo objetivo, natural e a consciência subjetiva do tempo, as vivências temporais. Para evitar-se de modo conveniente tais obstáculos, faz-se necessário colocar entre parênteses o primeiro âmbito da relação, ou seja, reduzir o tempo objetivo. Derrida considera o procedimento metódico husserliano insuficiente e indaga: “Como uma consciência intencional do tempo, se produzindo e se aparecendo dialeticamente por retenção e protensão, e por um jogo do constituinte e do constituído, será acessível a uma apreensão puramente imanente?” (*PGFH*, p.111). Husserl seria incapaz de responder a esta e a outras questões similares por restringir-se a uma concepção geral noemática do tempo. Tanto o tempo objetivo quanto o tempo da vivência intencional operariam num nível apenas constituído, permeável ao processo redutivo e submetido a uma gênese fechada sobre si, ainda superficial no tocante a uma abordagem radical, geneticamente aberta da temporalidade. Para Derrida, neste momento da trajetória husserliana, impera certa ingenuidade, certa confiança injustificada no alcance fenomenológico da abordagem intencional.

Reavaliando a crítica husserliana à teoria de Brentano concernente ao tempo, Derrida julga-a lacunar justamente por circunscrever-se ao aspecto estático e noemático do tema. Restrição que, para legitimar-se no plano descritivo, implicaria em graves consequências: “A fenomenologia não seria mais totalmente senhora de si. A ontologia estaria *já no lugar*” (*PGFH*, p. 117). Transposição cujos meandros são mais detectáveis na noção de objeto temporal, constituído intencionalmente mediante a conexão entre impressão originária, protensão e retenção. Derrida encontra, na descrição intencional husserliana destes três componentes, uma mescla indeterminada dos âmbitos empírico e transcendental da gênese. A pontualidade absoluta atribuída por Husserl à impressão originária não desfrutaria do grau de pureza fenomenológica reivindicada pelo filósofo alemão, implicando a inclusão ontológica da síntese *a priori* das quase-presenças retencionais e protencionais. Da substituição inadvertida do ontológico pelo fenomenológico na concepção husserliana do tempo derivariam ambiguidades no processo descritivo intencional, impedindo a delimitação dos respectivos âmbitos ativo e passivo, produtivo e receptivo, etc. do fenômeno visado, obrigando Husserl a reintroduzir, subrepticamente e contra seu propósito declarado, o objeto transcendente que ele pretendia reduzir nas análises intencionais. Para justificar sua interpretação, Derrida cita um trecho do parágrafo 43 das

Lições, discrepante em relação ao contexto lógico-intencional dominante na obra: a comunidade de essência presentativa entre impressão imanente e percepção indicaria que “Através do ‘noema’ temporal, é o ser mesmo do tempo que é visado” (*PGFH*, p. 122).

Componentes ontológicos entranhados na instância fenomenológica, capazes de limitar o alcance puro da liberdade redutiva mediante a irredutibilidade temporal da retenção. Submetido à duração, o ato retencional assimila-se à temporalidade retencionada, à história em que ele se autoreconhece enquanto puro. Para Derrida “... Husserl só descreve um tempo constituído em noema ou em tema face a um sujeito cuja gênese permanece dissimulada” (*PGFH*, p. 124). Temporalidade absoluta e subjetividade absoluta, enquanto tais, predominam alternativamente nas análises intencionais husserlianas, carecendo da síntese originária que as assimile e torne compreensível o trânsito intencional entre a impressão originária pura e as modificações retencionais e protencionais. Aporia reconhecida pelo próprio Husserl: “O constituente e o constituído coincidem e, entretanto, eles não podem naturalmente coincidir em todos os aspectos” (*Lições*, § 39). Sem complementar a abordagem noemática com outra noética do tempo, não há saída para a condição aporética. Para tanto, faz-se necessário radicalizar o método de redução.

De excludente, privativa, a redução devia converter-se em inclusiva, embora mantendo o caráter suspensivo. Tarefa assumida por Husserl no primeiro volume de *Ideias para uma fenomenologia pura e filosofia fenomenológica*. De apenas eidética, a redução converte-se paulatinamente em transcendental, fenomenológica. Conversão cujo resíduo é a consciência transcendental. Derrida entende que mediante tal opção metódica “A gênese não é mais neutralizada, mas excluída como um domínio de facticidade empírica” (*PGFH*, p. 137). Embora as análises husserlianas pretendam operar num nível fenomenológico estrito, elas sucumbem ao formalismo de um eu puro imanente indubitável que se opõe a toda transcendência mundana impura, duvidosa e relativa. Abordagem dicotômica que impede tratar diretamente da gênese do sentido que se instaura na relação entre o empírico e sua apreensão noemática. O conteúdo do parágrafo 49 de *Ideias I* é dirimente quanto à constituição unilateral do sentido: qualquer existência objetiva só ganha cidadania semântica enquanto correlato noemático. Após citar longo trecho do parágrafo 49 e dirigir-lhe uma profusão de indagações, Derrida apresenta, enquanto motivo velado da tese husserliana, a solidariedade entre o método redutivo e uma compreensão lacunar dos âmbitos ativo e passivo da percepção.

Para compreender tal vínculo, deve-se questionar sobre a gênese da percepção sem sucumbir à tentação de que o conceito de transcendência

na imanência seja sua solução: ele apenas circunscreve a dificuldade teórica. A chave compreensiva está na simultaneidade constitutiva das consciências absoluta e atual. Embora em *Ideias I*, Husserl defenda uma intencionalidade exclusivamente ativa, a equivalência entre absoluto e atual indica a referência velada a uma passividade primitiva. As análises husserlianas concernentes à *hylé*, à *morphé* e ao noema, bem como às suas ligações, são exploradas em detalhe por Derrida. Para o filósofo francês, o texto husserliano caracteriza obscuramente a *hylé* enquanto momento real e não intencional da vivência e dá como exemplo os dados sensuais, faltando uma investigação explícita da *hylé* temporal em si própria e em suas relações com a *morphé* e o noema: “Sempre a temporalidade evocada é objeto temporal, noema constituído, significação do tempo, mais que tempo da significação” (PGFH, p. 158). Tenta-se efetuar uma redução da temporalidade originária desconsiderando que esta é a possibilitadora do próprio ato redutivo. Decisão teórica em que o problema da gênese ou já foi de antemão resolvido ou não necessita ser posto. Falta o estabelecimento e, sobretudo, o esclarecimento da diferença entre gênese ativa e passiva, submetendo a segunda a uma rigorosa descrição fenomenológica. Carência que Husserl insiste, nesta etapa de sua trajetória, em não reconhecer. Para Derrida, tal reconhecimento exige que se atribua um papel constituinte a todo constituído, participando ambos do mesmo processo histórico, no qual a noção de vivência intencional aprofunda-se na noção de *ideia em sentido kantiano*, passível de intuição transcendental, fazendo com que “O empírico e o transcendental pareçam resistir a uma dissociação rigorosa” (PGFH, p. 173).

É a partir dos textos dos cursos husserlianos de 1919-20, reunidos por Landgrebe na obra *Experiência e juízo*, que a questão da gênese torna-se decisiva no contexto da análise fenomenológica. Para Derrida, “O ponto de vista genético é agora o único a comandar uma pesquisa dos fundamentos” (PGFH, p. 183). O projeto descritivo genético do plano predicativo a partir do plano da evidência antepredicativa, entretanto, ainda comporta dificuldades: sob um aspecto, remanesce o desafio de fundação da vivência irreal de evidência a partir da realidade do ente; sob outro aspecto, mantém-se a barreira de descrição plena do supratemporal sem desconectá-lo de sua emergência genética. Obstáculos que remetem a uma anfibologia no conceito husserliano de mundo: 1) enquanto domínio do antepredicativo em sua atualidade; 2) enquanto ideia totalizadora infinita de fundação de qualquer processo judicativo. Ambiguidades que tornam a passividade transcendental mera condição formal da atividade transcendental e contradizem a assunção do mundo vital (*Lebenswelt*) como fundamento para a vestimenta de ideias (*Kleid von Ideen*). Não fica claro se o regresso ao antepredicativo remete a um limite empírico

determinado ou a uma indeterminação absoluta. Obscuridade que repercute no estatuto do conceito husserliano de negação, entendido ou no âmbito da atividade e de seus corolários, ou no nível da positividade e de seus componentes.

Como na avaliação das obras anteriores, Derrida atribui as hesitações husserlianas à esquiva em abordar diretamente o tempo em sua originariedade. As considerações sobre o assunto ficam no plano programático e detêm-se perante a questão da gênese efetiva, obstadas pelo predomínio de um interesse teórico, contemplativo. Para o filósofo francês: “Sentindo a que ponto toda gênese verdadeira arriscava comprometer o propósito fenomenológico e filosófico em geral, e mesmo de fazê-lo fracassar totalmente, Husserl parece ter, sem cessar e incansavelmente, preparado um vasto acesso metódico a uma esfera tão pouco acessível à elucidação fenomenológica” (PGFH, p. 206). Postura esquiva reiterada por Husserl na obra *Lógica formal e lógica transcendental*, numa continuidade temática e argumentativa, em cujas entrelinhas persiste o desconforto diante da questão.

Somente com as *Meditações cartesianas*, as análises husserlianas assumiriam nova orientação. O terceiro parágrafo da obra trata da ideia geral e teleológica de ciência, cuja vivência pura confunde-se com a atividade do eu transcendental. Ideia teleológica que repercute na tessitura da quarta meditação, cujo núcleo temático é a autoconstituição do eu puro. Derrida entende que tal ideia conduz e compromete a descrição husserliana, pois submete a análise da gênese egológica a parâmetros meramente eidéticos: “onde vemos um limite existencial absoluto, Husserl vê apenas um limite metodológico; no momento em que cremos que todo idealismo deve se converter em seu contrário, Husserl crê franquear apenas uma etapa” (PGFH, p. 228). Divergências que, no limite, colocam em xeque, no domínio da gênese ativa, o sentido da própria separação entre empírico e transcendental, tornando tal tipo genético secundário em relação à gênese passiva, irreduzível a qualquer análise eidética com fundamento intuitivo. Na leitura derridiana, seguindo-se com rigor o itinerário husserliano, desemboca-se numa história fenomenológica; por outro lado, compartilhando-se a avaliação do filósofo francês, redonda-se numa história efetiva. No primeiro caso, perde-se a gênese em favor da ideia; no segundo caso, perde-se a ideia em favor da gênese.

Impasse que, para Derrida, o próprio Husserl detecta, e ao qual dedica um pequeno texto cujo conteúdo, já em 1953, desperta o interesse destacado das abordagens derridianas: *A origem da geometria*. Opúsculo cujo eixo conceitual é a *Rückfrage*,⁵ entendida como o “tipo de análise

⁵ Traduzida naquele momento por regressão (*régession*) ou reflexão (*réflexion*).

pela qual deve sempre ser possível reapreender, em seu nascimento mesmo, a originalidade transcendental de uma produção histórica da consciência" (*PGFH*, p. 260). Duma reativação implícita e mediata, suficiente aos propósitos científicos estritos, deve-se passar a uma reativação absoluta, fenomenológica. Tal passagem, forçada, segundo a interpretação derridiana, atenua o entusiasmo do filósofo francês com "o texto de vinte páginas, um dos mais belos de Husserl" (*PGFH*, p. 260), remetendo, logo, no severo diagnóstico de que "malgrado o sedutor projeto que anima estas poucas páginas, seu conteúdo efetivo e os resultados da análise são das mais decepcionantes" (*PGFH*, p. 266). O método husserliano de zigzague, que pretende ir das sedimentações tradicionais à tradicionalidade em geral e vice-versa, para reativar a produção das verdades geométricas desde suas origens, apresenta-se a Derrida enquanto círculo vicioso em que as descrições husserlianas traem seus próprios princípios transcendentais, por converter o movimento de zigzague em tarefa inconclusiva e por contaminar o ideal de pureza fenomenológica autoimposto. Na tentativa de superar tais obstáculos na elaboração de uma filosofia pura da história, Husserl associa-a a uma história da filosofia articulada em consonância a um fio condutor transcendental e, de acordo com Derrida, fracassa novamente: "A filosofia da história de Husserl, confundindo-se com a mais suspeita história da filosofia, fica aquém do projeto fenomenológico. A ingenuidade da evidência eidética, tal como era definida em *Ideias I*, não foi ultrapassada" (*PGFH*, p. 282). Decorreria desta lacuna essencial a autoexigência husserliana de um integral recomeço do projeto fenomenológico, manifestada no estágio final de sua vida.

II

Apesar das censuras expressas em 1953, Derrida não consegue livrar-se do influxo d'*A origem da geometria*⁶ e, nove anos após, publica sua tradução em francês, antecedida por uma longa introdução, na qual o tom

⁶ Doravante abreviado como *OG*. No *Aviso*, que antecede a *Introdução* e a *Tradução*, Derrida informa que "O manuscrito original data de 1936. Sua transcrição datilográfica não possui título. Autor desta transcrição, Eugen Fink também publicou uma versão elaborada na *Revue internationale de Philosophie* (n. 2, 15 de janeiro de 1939, p. 203-225), sob o título: 'Die Frage nach dem Ursprung der Geometrie als intentional-historisches Problem'. Após, é sob esta forma que o texto foi lido e frequentemente citado. Sua história, ao menos, lhe conferia, pois, já um certo direito à independência" (*OG*, p. 1). Dorion Cairns resenhou o texto em inglês para a revista *Philosophy and Phenomenological Research*, (v. 1, n. 1, set. 1940), p. 98-109. Atualmente, encontra-se publicado no volume VI da *Husserliana: Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie – Beilage III*, p. 365-385, The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1976.

restritivo é bastante modificado, considerando, então, o opúsculo sob os auspícios de “um desígnio inédito: desvendar, de uma parte, um novo tipo ou uma nova profundidade da historicidade, e determinar, de outra parte, correlativamente, os instrumentos novos e a direção original da reflexão histórica” (OG, p. 4). No caso, os objetos ideais geométricos “devem, pois, ser acessíveis a uma intuição histórica de um estilo inusitado, em que a reativação intencional do sentido deveria preceder e condicionar – *em direito* – a determinação empírica do fato” (OG, p. 5). Reativação de um sentido fenomenológico, entendido como teleológico, programático e exemplar, aplicável ao conjunto das ciências positivas, tarefa infinita cujos méritos, mas também limites e obstáculos, Derrida pretende expor e discutir.

Por sua idealidade, o objeto matemático desfruta de privilégio desde o começo da obra husserliana: nele, apresenta-se a objetividade imediata, efetiva-se atualmente a transparência fenomenológica sem os entraves empíricos. Se a *Filosofia da aritmética*⁷ descrevia uma gênese psicológica de seus objetos temáticos, *A origem da geometria*⁸ trata de uma gênese transcendental dos seus objetos. Passagem entre as duas gênese que depende da tematização explícita da história no âmbito fenomenológico, detectada por Derrida na *Krisis*.⁹ Noção chave que, embora “Constantemente praticada na *Krisis*... ela própria, este novo acesso à história, nunca é aí *problematizado*” (OG, p. 8). Problematização reservada à *Origem da geometria* e às curtas anotações privadas contemporâneas.

Para Derrida, a investigação desenvolvida no opúsculo não é a do geômetra, que parte de verdades estabelecidas e subverte-as ou aprofunda,

⁷ Que, para Derrida, poderia denominar-se apropriadamente d'*A origem da aritmética*, conforme OG, p. 6.

⁸ Uma leitura “husserliana” proveitosa do texto pode ser encontrada em: D'IPPOLITO, B. *Scienza e storia nell'Origine della geometria* di E. Husserl, *Idee Rivista di filosofia*, Lecce, v. 11, p. 65-76, 1989. Uma análise de conjunto da obra *Krisis* encontra-se em DODD, J. *Crisis and Reflection. An Essay on Husserl's Crisis of the European Sciences*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers, 2004. Sobre a relação pontual Derrida/Husserl atinente ao texto, sugere-se a consulta de DOVOLICH, C. Il primo Derrida si confronta con l'ultimo Husserl, *Segni e comprensione*, anno II, n. 5, p. 81-86, sett./dic. 1988; e BERNET, R. On Derrida's 'Introduction' to Husserl's *Origin of Geometry*. In *Derrida and Deconstruction*. Edited by Hugh J. Silverman. New York: Routledge, 1989. Sobre a relação mais geral Derrida/Husserl, indicam-se HODGE, J. *Derrida on Time*. New York, Routledge, 2007, sobretudo a parte II, intitulada “Interrupting Husserl”; e O'CONNOR, P. *Derrida: Profanations*. London, Continuum, 2010, mormente o capítulo 1, intitulado “There Is No World without End (Salut): Derrida's Phenomenology of the Extra-mundane”. No tocante às leituras mais recentes de Derrida sobre temas husserlianos, consulte-se DURIE, R. At the same time. Continuities in Derrida's readings of Husserl, *Continental Philosophy Review*, v. 41, p. 73-88, 2008.

⁹ Designação utilizada pelo pensador francês para referir-se à obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*.

nem a do epistemólogo clássico, pautada por uma horizontalidade ahistórica. Descarta-se também a postura meramente histórico-filológica, voltada a recuperar os momentos históricos da pesquisa geométrica: euclidiano, galilaico, riemanniano, relativístico, etc. O que importa a Husserl é resgatar, em direito, o sentido fundante dos primeiros atos geométricos, independente dos detalhes de suas ocorrências fatuais. Tal demanda jurídica, transcendental, operada pela redução em suas diversas vias, só pode consolidar-se, todavia, mediante uma intuição do processo produtivo (*Leistung*) de tais atos. Intuição “absolutamente constituinte e criadora: os objetos ou objetividades que ela visa *não* existiam *antes* dela; e este ‘*antes*’ da objetividade ideal marca mais que a véspera cronológica de um fato: uma pré-história transcendental” (*OG*, p. 23). Diferenciando-se do apriorismo formalista kantiano, Husserl elabora, ao longo de sua obra, a noção de *a priori* material ou contingente, âmbito de sentido no qual se produz a gênese da geometria. Intervêm duas reduções: “A redução histórica – que opera também por variação – será reativante e noética. Ao invés de repetir o sentido constituído de um objeto ideal, dever-se-á redespertar a dependência do sentido em relação a um ato inaugural e fundante, dissimulado sob as passividades segundas e as sedimentações infinitas; ato originário que criou o objeto cujo *eidos* é determinado pela redução iterativa” (*OG*, p. 32).

Dupla redução que implica três aspectos decisivos: 1) Primordialidade (*Erstmaligkeit*), ou seja, a singularidade originária do(s) ato(s) fundador(es) da significação ideal, sempre reproduzível. Não se trata do conteúdo empírico do primeiro ato geométrico *tout court*, mas de seu sentido enquanto momento inaugural no âmbito da historicidade. Importa apreender e descrever fenomenologicamente a normatividade exemplar do(s) ato(s) originário(s); 2) Remissão apriorística a um âmbito prévio não geométrico a partir do qual a própria inauguração geométrica hauriu seus parâmetros instauradores, âmbito no qual a linguagem exerce papel decisivo. Compete ao historiador fenomenológico desvendar as diversas camadas de sedimentação histórico-semânticas entre as duas instâncias e estabelecer suas conexões; 3) Retroquestão (*Rückfrage*),¹⁰ que parte do sentido atual da geometria e investiga fenomenologicamente a tradição que a constituiu e constitui, mas também se vale do sentido originário para descrever as estruturas geométricas em vigor no presente, num circular jogo de câmbio (*Wechselspiel*) que opera em ziguezague.

A investigação husserliana assume conduzir-se num circuito de generalidades explicitáveis, sendo a primeira delas o próprio conceito de *tradição*, enquanto unidade semântica da geometria que perpassa

¹⁰ Traduzida por Derrida como *questão em retorno* (*question en retour*).

e persiste a todas as suas revoluções histórico-fatuais, numa abertura cujo horizonte, porém, é idealmente descritível. A tradição constitui-se a partir de atos produtores fundantes desenvolvidos pelos primeiros criadores, atos re-retencionados de maneira infinita e inseridos no mundo comunitário da cultura, numa sedimentação tradicional perene. Movimento retencional que não procede a partir de meros acúmulos de dados e teorias adquiridos, mas mediante sínteses totalitárias contínuas, que funcionam como premissas totais para as sedimentações subsequentes. Trata-se de um processo mnemônico inerente à racionalidade puramente considerada.

Para Derrida, tal concepção mnemônico-racional estrita da tradição implica assumir que “o sentido do ato constituinte só pode ser decifrado na trama do objeto constituído. E esta necessidade não é uma fatalidade exterior, mas uma necessidade essencial da intencionalidade. O sentido *originário* de todo ato intencional é *apenas* seu sentido *final*, isto é, a constituição de um objeto... só uma teleologia pode abrir uma passagem aos começos” (OG, p. 53-54). E prossegue: “... tais encadeamentos são sempre marcados de uma significação jurídica e transcendental, mas eles reenviam a atos *concretos* e *vívidos* num sistema *único* de implicações fundadoras, isto é, num sistema que foi originariamente produzido *uma única vez* e permanece irreversível de fato como de direito” (OG, p. 56). A história é o fundamento de suas próprias possibilidades.

Autofundação que, na leitura derridiana, implica o aprofundamento da questão da linguagem. Toda atividade linguística envolve imediatamente uma eidética, mas, para Derrida, “o problema específico da linguagem, de sua origem e de seu uso numa fenomenologia transcendental, sempre foram excluídos ou diferidos” (OG, p. 59) e “... a linguagem oferece a mais perigosa resistência à redução fenomenológica” (OG, p. 60). O uso de aspas, itálicos, etc. não se mostra dirimente na tarefa distintiva entre linguagem comum e linguagem transcendental. Processo similar ocorreria com a distinção entre idealidades livres (objetos lógico-matemáticos) e idealidades encadeadas (concernentes a objetos reais). Faltaria à fenomenologia husserliana afrontar a questão da linguagem em geral, matriz comum das linguagens natural e transcendental. A questão da origem fenomenológica da geometria coloca Husserl perante as questões conexas da constituição da intersubjetividade transcendental e da origem fenomenológica da linguagem em geral, mas, para o intérprete francês, o pensador alemão, mesmo em seu texto mais fecundo, não explora de maneira decidida tais vínculos. Husserl parece pressentir as dificuldades implicadas na elaboração de uma gramática pura e de normas linguísticas apriorísticas, cuja promessa ainda era assimilável nas *Investigações Lógicas e Ideias I*. Dificuldades que não se extinguem na passagem da oralidade à escritura, pois o signo gráfico e suas

extensões linguísticas, embora se apresentem num primeiro momento enquanto garantias da unidirecionalidade semântica, são permeáveis à “corrupção” da equívocidade. Fala e escritura, embora constituídas de modo fenomenológico diverso, mostram-se igualmente extrínsecas à historicidade estritamente racional e intencional proposta por Husserl.

Ultrapassando fenomenologicamente as finitudes inerentes à fala e à escrita, a historicidade husserliana propõe-se tarefas infinitas, alicerçadas no exercício idealizável irrestrito da *Rückfrage*, com seu poder ilimitado de reativação. Derrida confessa não entender a legitimidade deste extremo recurso husserliano: “Esta idealização, que tem por correlato uma ideia infinita, intervém sempre de modo decisivo nos momentos difíceis da descrição husserliana. O estatuto fenomenológico de sua evidência permanece assaz misterioso” (OG, p. 109). O retorno às evidências originárias e aos conceitos fundadores constitutivos da geometria, que perpassam a estrutura apriorística de sua historicidade, embora colocados sob suspeita por Derrida, não encerram a menor desconfiança no contexto da exposição husserliana. Mesmo desconfiando do alcance filosófico deles, o intérprete francês é levado a reconhecer que a noção de horizonte e seus derivados semânticos (consciência-de-horizonte, certeza-de-horizonte, saber-de-horizonte) são capitais para compreender-se o que Husserl pretende enunciar n’*A origem da geometria*. A horizonticidade da historicidade geométrica dá-se numa evidência vivida *sui generis* concernente à visada única da totalidade das experiências históricas possíveis. Derrida sentencia: “Sua noção converte, pois, a condição de possibilidade abstrata do criticismo à potencialidade infinita concreta que aí estava secretamente pressuposta: ela faz assim coincidir o apriorístico e o teleológico” (OG, p. 123).

A questão condutora do opúsculo husserliano destacado pelo intérprete francês diz respeito ao modo de constituição das proto-idealidades geométricas a partir dos componentes invariantes de um mundo pré-científico. O papel decisivo no encaminhamento de tal questão concerne ao método husserliano de retroquestão (*Rückfrage*) que, aplicado à historicidade da geometria, desdobra-se, na leitura derridiana, em certos momentos bem demarcados e hierarquicamente estabelecidos: 1) Que o mundo pré-geométrico implique em coisas (algos em geral dispostos numa espacialidade e numa temporalidade anexatas); 2) Que tais coisas determinem-se pela corporeidade; 3) Que tais corpos sujeitem-se à geração, à corrupção e ao movimento; 4) Que tais processos gerativos, corruptivos e dinâmicos impliquem qualidades materiais; 5) Que, por necessidades práticas, tais qualidades sejam passíveis de aperfeiçoamentos progressivos; 6) Que tais aperfeiçoamentos sejam produzidos (*Leistung*) por atos intencionais filosófico-teoréticos

comandados por projetos e tarefas infinitos; 7) Que tais infinitizações sejam iterativas, indo do infinito fechado (Euclides) ao infinito aberto (Galileu); 8) Que tal infinidade implique em idealizações substrutivas inerentes a um pensar puro; 9) Que tais idealizações impliquem em passagens necessárias ao limite, polo invariante de uma aproximação infinita; 10) Que tal aproximação constitua uma ideia em sentido kantiano; 11) Que tal ideia implique num *immer wieder* (*sempre ainda*) que privilegia a dimensão protencional da intencionalidade; 12) Que tal *sempre ainda* remeta ao presente vivo (*Lebendige Gegenwart*) entendido como absoluto primordial retencionalmente voltado sobre si numa protensão infinita; 13) Que o processo presente-vivo, protensão, retenção, enquanto ideia em sentido kantiano, não seja permeável a uma visada intencional de horizonticidade, mas de transversalidade; 14) Que “A Diferença originária da Origem absoluta que pode e deve indefinidamente, com uma segurança apriórica, reter e anunciar sua forma pura concreta, como o além ou o aquém dando sentido a toda genialidade empírica e a toda profusão factícia, é talvez isto que foi sempre dito sob o conceito de ‘transcendental’, através da história enigmática de seus desdobramentos” (OG, p. 171).

III

Em 1967, o filósofo francês lança *A voz e o fenômeno*,¹¹ com o propósito de aprofundar suas investigações acerca das relações entre transcendental e empírico na obra husserliana, a partir de uma abordagem centrada no âmbito da linguagem. Derrida emprega estratégias intra e extrassistemáticas, mesclando comentário e interpretação, na análise da primeira das *Investigações lógicas*¹² e de textos ligados a ela. A instância linguística é privilegiada por Derrida como eixo temático para avaliar-se as contribuições e limitações do pensamento husserliano sobre a história e, no limite, sobre o alcance do próprio sistema fenomenológico em sua versão husserliana.

Considerando as *Investigações lógicas*, enquanto base conceitual e argumentativa que perpassa, ainda que remodelada e aprofundada, a obra husserliana, mormente no tocante ao tema da linguagem, Derrida indaga-se em que medida o pensador alemão, apesar das refinadas e profundas análises fenomenológicas ali desenvolvidas, não sucumbe a pressupostos metafísicos. O foco da perquirição derridiana não é a metafísica *degenerada*,

¹¹ Doravante abreviado como VF.

¹² A relevância da primeira das *Investigações lógicas* nas obras de Derrida e Ricoeur foi destacada, entre outros, por Marco Salvio, em seu artigo de 2002 intitulado *Oltrepassare il segno: Derrida e Ricoeur lettori di Husserl*.

comum, já denunciada pelo próprio pensador alemão nas *Meditações cartesianas*, mas a proposta husserliana de *conhecimento último do ser*,¹³ que, para o pensador francês, é suspeita de dissimular uma metafísica da presença ou, mais diretamente, uma metafísica do presente vivo, no qual a experiência transcendental autoapreende-se em sua dinâmica estruturante totalizadora. Toda ameaça a esta translucidez transcendental será rechaçada e reelaborada por Husserl mediante a noção de ideia em sentido kantiano, enquanto *telos* puro das infinidades iterativas que se autodesvelam no circuito ideal. O diagnóstico derridiano é peremptório: “... o recurso à crítica fenomenológica é o próprio projeto metafísico, em seu acabamento histórico e em sua pureza apenas restaurada de sua origem” (VF, p. 3).

Colocando em xeque a confiança husserliana no alcance veritativo das descrições fenomenológicas, Derrida detecta nelas “uma não-presença irreduzível”, “uma não-vida”, “uma inextirpável não-originariedade” (VF, p. 5). O alvo privilegiado da crítica derridiana é a idealidade ínsita na noção husserliana de signo (*Zeichen*). Husserl toma uma decisão capital sem preenchê-la com os devidos argumentos filosóficos, submetendo-a a graves consequências: 1) Subordinar a investigação sobre o estatuto do conceito de signo a um procedimento reflexivo radicalizado. Tal radicalização, porém, não logra transpor os limites da racionalidade enquanto critério último; 2) Distinguir de modo insuficiente linguagem ordinária e linguagem transcendental, lacuna decorrente da ausência de uma abordagem consistente da essência da linguagem em geral; 3) Limitar a elaboração de uma gramática pura a um apriorismo lógico da linguagem; 4) Separar o a priori lógico a partir do a priori geral da linguagem, mediante uma remissão teleológica infinita da presença viva que se repete infinitamente num âmbito irreal designado de *consciência transcendental*; 5) Distinguir vida empírica, vida psíquica pura e vida transcendental, sem formular, de modo dirimente, a noção de comum de vida que abrange as acepções particulares; 6) Tentar resolver os obstáculos argumentativos do item anterior através do “conceito enigmático de ‘paralelismo’” (VF, p. 11),¹⁴ que desemboca numa assimilação paralelista entre psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental, cuja explicitação, no

¹³ Conforme o parágrafo 60 das *Meditações cartesianas*: “Os nossos resultados são metafísicos, se for verdade que se deverá nomear de metafísico o conhecimento último do ser. O que está, todavia, em questão não é nada de metafísico em sentido comum, como a metafísica que degenerou historicamente e que não se encontra ao nível do sentido em que a metafísica foi originariamente instituída enquanto filosofia primeira. O tipo de comprovação da fenomenologia, intuitivo, concreto e, também, apodítico, denega toda *aventura metafísica*, todos os excessos especulativos” (HUSSERL, 1973, p. 166).

¹⁴ Derrida destaca a menção husserliana ao paralelismo no volume IX da *Husserliana*, p. 343.

discurso husserliano, não ultrapassa o nível do mistério; 7) Sem cair na tentação de converter o paralelismo em adequação, o que implicaria um psicologismo transcendental, Husserl subverte a séria dificuldade ao considerar que a diferença paralela “não pode habitar o mundo, mas somente a linguagem, em sua inquietude transcendental” (VF, p. 13); 8) Recorrer, numa segunda alternativa conceitual dubitável, à noção de nuançar (*Nuancierung*) para encaminhamento dos impasses envolvidos no paralelismo, agora, inscritos no âmbito linguístico, saída que apela a “uma camada originariamente silenciosa, ‘pré-expressiva’, da vivência ... à voz fenomenológica, à voz em sua carne transcendental, ao sopro, à animação intencional” (VF, p. 15), na qual reina a indiscernibilidade mais plena, mais *presente*, que, para o pensador francês, constitui talvez a maior “dificuldade sistemática” (VF, p. 15) da fenomenologia husserliana, cujo único tratamento viável, na farmácia derridiana, exige a “excelência da voz” (VF, p. 16).

Derrida inicia sua análise pontual da primeira *Investigação lógica* com uma escolha de tradução atrelada à leitura que ele desenvolve: *bedeuten* será vertido por *querer-dizer*,¹⁵ conjugando as operações de expressar algo e de expressá-lo discursivamente. Caracterização importante para destacar o âmbito estritamente funcional que conduz a distinção husserliana entre signo (*Zeichen*) ou índice (*Anzeichen*) e expressão (*Ausdruck*). Embora estritamente distintos numa abordagem ideal, índice e expressão entrelaçam-se no âmbito empírico, mas de maneira unilateral: a expressão é contaminada pelo índice, sem que a relação inversa ocorra. Para evitar o laço gênero/espécie decorrente de tal contaminação, Husserl apelará, no momento devido de sua exposição, à instância *sui generis* da “voz absolutamente baixa da ‘vida solitária da alma’” (VF, p. 22). Derrida detecta, nesta via argumentativa, um paradoxo constitutivo do projeto fenomenológico husserliano, cuja denúncia dos obstáculos teóricos daí decorrentes para o sistema descritivo puro elaborado pelo pensador alemão, orienta a tessitura conceitual e argumentativa de *A voz e o fenômeno*, cujo diagnóstico inicial sustenta que distinguir índice e expressão implica eludir a questão prévia sobre a estrutura unitária do signo em geral e compromete o ponto de partida da argumentação husserliana. Tal esquiva deixa na obscuridade o *para algo* (*für etwas*) unificador somente a partir do qual toda separação entre reenvio indicativo e reenvio expressivo pode ser legitimada. Desvio astucioso pelo qual o sistema husserliano paga um alto preço: “a pertença da fenomenologia à ontologia clássica” (VF, p. 27).

¹⁵ Em francês: *vouloir-dire*.

Inserção metafísica detectada por Derrida, inicialmente, na exigência husserliana de reduzir o processo indicativo. Demanda difícil, que o pensador alemão só pode tentar cumprir em etapas sucessivas e hierarquizadas, cada vez mais radicais. Apesar de o caráter indicativo engendrar-se a partir de referências naturais¹⁶ ou artificiais¹⁷, isto não afeta a unidade funcional indicativa operada pela motivação (*Motivierung*), enquanto vínculo intencional entre visadas consecutivas de caráter veritativo ou presuntivo, abarcando-a em todas as fases do processo redutor. Embora meramente quantitativa, a primeira etapa redutora assinalada por Derrida concerne ao número de parágrafos (três) dedicados à análise da indicação e da expressão (onze), brevidade atribuída justamente ao caráter preliminar do âmbito indicativo no conjunto da linguagem. A segunda etapa redutora atine ao estatuto diferenciado dos vínculos intencionais: de remissão (*Hinweis*)¹⁸ no caso da indicação, e de demonstração (*Beweis*) no caso da expressão. Enquanto, na remissão, o laço é probabilístico, na demonstração, o nexó é necessário. Sendo todas as remissões derivadas de meras funções associativas, devem-se colocar entre parênteses os conteúdos vivenciados para visar com a devida limpidez às vivências estritas, puras. Derrida condena esta segunda redução com base na desconsideração husserliana do mostrar em geral (*Weisen*), condutor tanto dos processos remissivos quanto dos demonstrativos.

Dois reduções que, na leitura derridiana, constituem meros preparativos aos momentos decisivos da audaciosa jornada redutora husserliana da indicação e, no limite, da própria linguagem globalmente considerada. Momentos nucleares concentrados no parágrafo oitavo da primeira investigação lógica, intitulado *As expressões na vida solitária da alma*. Faz-se necessário tentar reduzir o outro, enquanto interlocutor, em suas diversas dimensões, tarefa que só pode ser cumprida desde o âmbito da autoconsciência pura, num complexo e estratificado processo neutralizante. No discurso monológico, o sentido expressivo submete-se a um duplo desdobramento: como objeto ideal coextensivo à autoconsciência e como autorreferência significativa discursiva do con-sigo (*avec-soi*) ou do junto-a-si (*auprès-de-soi*). Tais desdobramentos implicam um voluntarismo transcendental, que Derrida destaca em seu comentário mediante a tradução de *bedeuten* por *querer-dizer*, ou seja: “Este que ‘quer-dizer’, isto que o querer-dizer quer dizer, a *significação*, é reservada a este que fala e que fala enquanto diz isto que ele *quer* dizer:

¹⁶ Exemplos husserlianos: canais de Marte indicando a possibilidade de existência de entes racionais, ossos fósseis indicando a possibilidade da existência de animais antediluvianos, etc.

¹⁷ Exemplos husserlianos: a marca ígnea ou a marca a giz, etc.

¹⁸ Derrida traduz por “alusão indicativa”.

expressa, explícita e conscientemente” (VF, p. 36). Os acompanhantes corporais, pré-conscientes, inconscientes, involuntários dos sentidos puros somente tornam-se linguísticos quando convertidos e assimilados pela consciência significativa. Mesmo as vivências psíquicas conscientes, encaradas estritamente no plano natural, não pertencem ao campo semântico. Os atos sonoros, gráficos, etc., só se tornam expressivos quando animados pela presença viva de atos puros doadores de sentido. O duplo desdobramento acima referido é que conduz tal animação e vice-versa, numa relação de íntima cumplicidade constitutiva.

A terceira etapa redutora forma, a rigor, um complexo encadeamento neutralizante escalonado que, além dos elementos conceituais e argumentativos acima expostos, implica a análise interligada das noções de representação, fantasia, tempo, intersubjetividade, razão e história. De maneira sumária, o ponto de partida encontra-se na afirmação husserliana de que no discurso solitário (*einsamen Rede*) operam apenas palavras representadas (*vorgestellten*), ao invés de palavras efetivas (*wirklichen*), para cuja sustentação argumentativa o pensador alemão mobilizará diretamente o conceito fenomenológico de fantasia. Embora não seja um ponto destacado na leitura derridiana pontual do oitavo parágrafo, a passagem da assertiva à argumentação husserliana no trecho é brusca e desconectada, exigindo do intérprete um preenchimento compreensivo refinado. Cabe, sobretudo, explicitar: 1) Por que a escolha da fantasia como modelo metódico privilegiado? 2) Quais os vínculos diretos e indiretos das neutralizações linguística e fantástica? Derrida explica, inicialmente, o privilégio husserliano da fantasia¹⁹ ao invés da percepção: no segundo caso, a existência da palavra mostra-se indispensável, ao passo que no primeiro não. O que interessa fenomenologicamente no segundo caso é só a representação de fantasia (*Phantasievorstellung*), desconsiderando-se tanto os conteúdos fantasiados quanto os objetos fantasiados, como também suas manifestações vocabulares (sonoridade ou grafia da palavra fantasiada), tese sustentada peremptoriamente pelo pensador alemão ao declarar que “A não-existência da palavra não nos perturba. Ela, todavia, também, não nos interessa” (HUSSERL, 1968 p. 36). Quais os

¹⁹ Derrida traduz, erroneamente, *Phantasie* por *imagination*, e estende tal versão aos vocábulos e expressões conexas: *l’imaginaire, l’être-imaginé du mot, les représentations de l’imagination, les contenus de l’imagination, les objets imaginés*, etc. Reproduzo a seguir nota de outro artigo de minha autoria, que se aplica ao caso: “As traduções francesa, de Paul Ricoeur, e portuguesa, de Márcio Suzuki [de *Ideias I*], vertem *Phantasie* por *imagination* e *imaginação*, respectivamente. Como se verificará ao longo do artigo, tal tradução não é adequada, pois, pelo menos desde 1898, Husserl já estabelecia diferenças fenomenológicas decisivas entre *Phantasie* e *Imagination*, com todas as suas derivações vocabulares. A leitura atenta do volume XXIII da *Husserliana* é dirimente quanto a este equívoco, infelizmente, tão comum.” (Onate, 2010, p. 349)

motivos e embasamentos filosóficos profundos de tal imperturbabilidade e desinteresse?

Eles concernem ao estatuto representativo da linguagem em sua essência. Husserl defende a heterogeneidade entre percepção ou apresentação originária (*Gegenwärtigung, Präsentation*) e outros modos modificados de produção semântica, dela constitutivamente dependentes, designadas, de maneira coerente, como presentificações ou representações (*Vergegenwärtigung, Repräsentation*). As segundas separam-se em posicionais (memória, consciência de imagem, etc.) e não-posicionais (fantasia, etc.).²⁰ Na vida solitária da alma, no discurso monológico, imperam as representações semânticas e fantásticas. Em ambos os casos, operam repetições ou reproduções substitutivas das apresentações, sem que ocorram posições ou reposições. Mais radicalmente: a própria consciência viva dos atos semânticos apenas se representa comunicando com si mesma. Nesta autoconversação do eu, só atuam identidades formais, ideais, sem qualquer efetividade mundana, mesmo egóica. Derrida desconfia da eficácia do encadeamento argumentativo husserliano, pois “Esta estrutura representativa sendo a própria significação, não posso descartar um discurso ‘efetivo’ sem me engajar originariamente numa representatividade indefinida” (*VF*, p. 56), cujo dique só pode ser artificioso e provir do “desejo obstinado de salvar a presença e de reduzir ou derivar o signo ... e com ele todas as potências de repetição” (*VF*, p. 57).

Para legitimar sua desconfiança, Derrida precisa aprofundar a análise, fixando-se, inicialmente, no conceito husserliano de idealidade, que é “o nome da permanência do mesmo e a possibilidade de sua repetição, *não existe* no mundo e não vem de outro mundo” (*VF*, p. 58). O estatuto husserliano do ideal é o estatuto de *ser* indefinida e *tradicionalmente* repetido, mediante a reatualização e a transmissão da origem. Origem equivalente à presença contínua do presente vivo (*Lebendige Gegenwart*), sempre repetido. No contexto ideal, “... a consciência é a presença a si do viver, do *Erleben*, da experiência. Esta é simples e não é nunca, por essência, afetada pela ilusão, pois se relaciona só com si numa proximidade absoluta” (*VP*, p. 65). Autointuição fantástica implica necessariamente, enquanto *index sui*, sob um aspecto, (in)expressividade, (in)significância e, sob outro aspecto, (in)diferença, (in)alteridade, todas noções dependentes do agora instantâneo, autovisado idealmente, sem dobras, sem restos e sem excessos.

²⁰ Daí a importância da precisão terminológica na tradução, como expresso na nota anterior, cuidado que não constitui mero preciosismo linguístico, mas comporta implicações conceituais e argumentativas graves.

Embora inexplorada explicitamente nas *Investigações lógicas*, Derrida considera que a pontualidade instantânea, o ponto-fonte,²¹ perpassa a obra como fio condutor teórico sub-reptício. Baseando-se nas exposições husserlianas ulteriores, reunidas, principalmente, em *Lições sobre a consciência íntima do tempo*, o pensador francês confessa que "... não há, aliás, objeção possível, no interior da filosofia, em relação a este privilégio do agora-presente. Este privilégio define o elemento próprio do pensamento filosófico, ele é a própria *evidência*, o próprio pensamento consciente, ele comanda todo conceito possível da verdade e do sentido" (*VF*, p. 70). O agora atual, a impressão enquanto limite ideal, mesmo sendo modificado em cada filosofia particular, comanda a metafísica desde o começo, sendo a abordagem husserliana tão-só um de seus momentos finais.²² Qualquer questionamento do âmbito metafísico demanda *um outro da filosofia*,²³ que prive o discurso de toda segurança e, sobretudo, de todo fundamento, instaurando-se a partir de outro solo, mais movediço, mais radical, a ponto de assimilar criativamente o(s) seu(s) outro(s). Começa a estabelecer-se o vocabulário alternativo derridiano: *la trace, la différance, le pli du retour, la fissure, la déconstruction, la voix, l'écriture, l'espacement, l'archi-scène*, etc., de cujo horizonte semântico emergiria o caminho mais fecundo para pensar-se em seu cerne e em seus limites a empreitada husserliana, "Pois Husserl não pretende só excluir a indicação da 'vida solitária da alma'. Ele considerará a linguagem em geral, o elemento do *logos*, sob sua forma expressiva própria, como evento secundário e acrescentado a uma camada originária e pré-expressiva de sentido. A própria linguagem expressiva deveria sobrevir ao silêncio absoluto da relação a si" (*VF*, p. 77).

A questão decisiva é como não recair neste silêncio fenomenológico absoluto e, mormente, como ultrapassá-lo? A chave encontra-se na noção de *alter ego*, para cuja análise Derrida retomará outro trecho do oitavo parágrafo da primeira *Investigação*, aquele do exemplo de desdobramento do eu em tu no monólogo: "agis-te mal, não podes continuar a agir assim". Parece que Husserl recorre, abruptamente, a um exemplo prático, axiológico, mas o intérprete francês apressa-se em mostrar que nele esconde-se um núcleo semântico lógico, teórico. O conjunto da obra do pensador alemão é orientada pela convertibilidade de todos os planos linguísticos ao *theorein* em geral: "E o signo (*Zeichen*) reenviaria sempre, em última instância, ao *Zeigen*, ao espaço, à visibilidade, ao campo e ao horizonte do que é ob-jetado e pro-jetado, à fenomenalidade como defronte (*vis-à-vis*) e superfície, evidência ou intuição, e primeiro como luz" (*VF*, p. 80).

²¹ *Point-source*, em francês.

²² Derrida inclui Heidegger nesta cadeia metafísica, embora de modo mais oscilante que a inclusão de Husserl.

²³ *Un ailleurs de la philosophie*, em francês.

Tal convertibilidade funda-se, para Husserl, na forma básica de toda operação apofântica, cujo modelo provém da proposição “S é P” e remete à terceira pessoa do presente do indicativo do verbo ser, convertendo, no caso, “falar-se de si-a-si” em “dizer-se que S é P”. Derrida detecta, nesta passagem, uma estrutura de suplementaridade, uma convertibilidade originária que vai do para-si (*für-sich*) ao no-lugar-de (*für etwas*), movimento lógico radical em que todas as expressões subjetivas podem ser legalmente transformadas em expressões objetivas, intersubjetivamente válidas, para cuja justificação racional Husserl dedicará, em especial, a quinta das *Meditações cartesianas*, mediante os conceitos de apresentação (*Appräsentation*), emparelhamento (*Paarung*), etc.

O que está em jogo, acima de tudo, no conjunto da leitura derridiana de Husserl, é o estatuto e o alcance da racionalidade. Enquanto o pensador alemão assume explicitamente “a ausência de limites da razão objetiva”²⁴ (HUSSERL, 1968, p. 90), o francês entende que “... ao contrário do que a fenomenologia – que é sempre fenomenologia da percepção – tentou fazer-nos crer, ao contrário do que nosso desejo é sempre tentado a crer, a coisa mesma sempre se dissimula ... ‘o olhar’ não pode ‘permanecer’” (*VF*, p. 117). Derrida estimula o exercício da voz, da ressonância labiríntica que, no limite, só silencia perante o diferir contínuo da ausência, ao invés do silêncio descritivo do espectador transcendental husserliano que, no limite, só fala mudamente com a presença de si a si. Dum lado, a voz do silêncio ausente; doutro, o silêncio da voz presente. Predomínios hierarquizantes da ausência e da presença que desembocam em concepções distintas de historicidade: uma história sempre aberta da empiricidade e uma história sempre fechada da transcendentalidade. Posições dissonantes que remetem aos enunciados inaugurais da aventura filosófica, proferidos pelos chamados pensadores pré-socráticos: “Tudo é...”. Após 2500 anos, permanece a tarefa de preencher as reticências: com a abertura, com o fechamento ou com ambos? Do vigor destas alternativas deriva a longa história de nossa vã e, simultaneamente, grandiosa filosofia.²⁵

²⁴ Grifado pelo pensador alemão.

²⁵ Várias e divergentes leituras foram e continuam sendo publicadas sobre a relação pontual Derrida-Husserl, em várias línguas, a partir dos textos diretos que privilegiei na minha abordagem, bem como de textos derridianos afins. Discutir minuciosamente as contribuições e lacunas de cada uma delas extrapolaria os propósitos do artigo, bem como dificilmente seria exequível, pela sua quantidade e complexidade. Exponho e discuto a seguir, entretanto, brevemente três artigos que considero mais relevantes, a título de indicação para os interessados numa análise mais meticulosa, que não posso desenvolver aqui. O primeiro artigo é de Martin Schwab, intitulado *The Rejection of Origin: Derrida's Interpretation of Husserl*. Schwab, embora aceite o projeto derridiano de desconstrução da metafísica da presença, não acata as estratégias empregadas pelo pensador francês; diverge, principalmente, da inclusão de Husserl nesta tradição metafísica, considerando o pensador alemão enquanto “... uma figura ambígua,

Referências

BERNET, R. On Derrida's 'Introduction' to *Husserl's origin of geometry*. In: *Derrida and deconstruction*. Edited by Hugh J. Silverman. New York: Routledge, 1989.

CAIRNS, D. Review of "Inquiry concerning the origin of geometry: a problem of intentional history" by Edmund Husserl-Eugen Fink. *Philosophy and Phenomenological Research*, New York, v. 1, n 1, p. 98-109, set. 1940.

CRITCHLEY, S. Derrida: the reader. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, n. 21, p. 53-65, maio 2007.

D'IPPOLITO, B. Scienza e storia nell'*Origine della geometria* di E. Husserl. *Rivista di Filosofia Idee*, Lecce, v. 11, p. 65-76, 1989.

DERRIDA, J. *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*. Paris: PUF, 1990.

_____. *L'origine de la géométrie*, de Husserl. Traduction et introduction. Paris, PUF, 1962.

combinando uma adesão à, até mesmo uma ideologia da presença, com uma equivalente forte doutrina de não-presença" (Schwab, 1986, p. 163). O cerne da inquirição de Schwab concerne ao estatuto presencial ou não do significado (*Meaning*), enquanto uso nas trocas discursivas ou pensantes no cotidiano, enquanto tema no âmbito reflexivo. Quanto ao primeiro aspecto da questão, Schwab defende que "A experiência do significado não inclui consciência intuitiva de seu significado. E: Significado-em-uso (*Meaning-in-use*) é essencialmente dirigido a um objeto diferente daquele do significado. Consciência significante (*Meaning-consciousness*) vive em seus significados, mediante os quais ela busca o preenchimento... Os conteúdos significativos ideais não são, no ato, presentes ao sujeito ou à mente como objetos... Significado não vê a si no espelho, o qual, de qualquer modo, só pode ser ele próprio" (Schwab, 1986, p. 170). Grifos constantes do original em inglês). No tocante ao segundo aspecto, conclui que "A reflexão tenta preencher esta lacuna compreendendo o que não é presente à vida imersa em seu mundo. Uma fuga da vida, porém, é o preço da presença, uma presença, além disto, cujo poder é essencialmente limitado pela fluidez de seu material e pelos limites de seus portadores... Husserl mantém, apaixonadamente mantém, o direito e o valor da reflexão e de uma atitude científica, as quais Derrida rejeita com igual paixão" (Schwab, 1986, p. 173). De maneira sucinta, considero a leitura de Schwab válida no primeiro aspecto, mas lacunar no segundo, a partir do argumento principal de que, para Husserl, a reflexão fenomenológica, sinônimo de vida transcendental, não comporta limites de quaisquer tipos, fazendo com que o pensador alemão não ficasse incomodado com a acusação derridiana de que sua filosofia seria uma metafísica da presença, consideradas as ressalvas que ele apresenta lapidarmente no parágrafo 60 das *Meditações cartesianas*.

Kevin Mulligan, em seu artigo *How Not to Read: Derrida on Husserl*, adota uma postura mais crítica e contundente, argumentando "... que o filósofo francês falha em clarificar a relação entre suas próprias teses a sugestões e aquelas do filósofo austríaco que ele examina, a despeito de que ele insiste em estar usando apenas teses e terminologia husserlianas para formular suas próprias visões; e que, onde objeções e críticas são avançadas, elas são extraordinariamente fracas" (Mulligan, 1991, p. 199). E prossegue: "Não é fácil dizer ao certo o que é a Metafísica da Presença; parece bastante claro que ela é uma Coisa Má (*Bad Thing*) da qual muitos filósofos sofreram, especialmente Husserl; que mesmo Heidegger não foi imune, mas que Derrida pensa ter diagnosticado, com alguma ajuda do último. Embora uma coisa má, ela é inescapável. É por que um exame de uma filosofia impregnada pela filosofia da presença de uma forma particularmente pura, aquela de Husserl, promete ser iluminadora" (Mulligan, 1991, p. 200). Para o

DERRIDA, J. *La voix et le phénomène*. Introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl. Paris, PUF, 1967.

DODD, J. *Crisis and reflection*. An essay on Husserl's crisis of the european sciences. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2004.

DOVOLICH, C. Il primo Derrida si confronta com l'ultimo Husserl. *Rivista Segni e Comprensione*, anno II, n. 5, p. 81-86, sett./dic. 1988.

DURIE, R. *At the same time*. Continuities in Derrida's readings of Husserl. *Continental Philosophy Review*, v. 41, p. 73-88, 2008.

HODGE, J. *Derrida on Time*. New York: Routledge, 2007.

HOPKINS, B. C. *Derrida's reading of Husserl in speech and phenomena: ontologism and the metaphysics of presence*. Dordrecht: Netherlands, 1985. (Husserl Studies, 2), p. 193-214.

intérprete britânico "O que *seria* de interesse filosófico seria um argumento, uma demonstração de que alguns dos enfoques mentalistas e 'Platonistas' de Husserl são errados. Tal argumento pressupõe uma clara compreensão destes enfoques e uma justificativa da relação entre o enfoque crítico e o que é criticado" (Mulligan, 1991, p. 200). Avaliando em seus âmbitos próprios principalmente as noções husserlianas e derridianas de expressão, indicação, ideal, não-ideal, estrutura e morte, Mulligan diagnostica o fracasso do pensador francês em cumprir o paradigma estabelecido na última citação. Acompanho seu diagnóstico, com apenas duas restrições pontuais: 1) Sua desconfiança em relação à continuidade teleológica intrínseca no conjunto da obra husserliana; 2) Sua consideração de que as análises do significado elaboradas em *Investigações lógicas* concernem estritamente ao conhecimento científico, excluindo interesses teóricos atinentes à comunicação.

Burt Hopkins, em seu artigo *Derrida's reading of Husserl in Speech and Phenomena: Ontologism and the Metaphysics of Presence*, pretende examinar "... a possibilidade de que a caracterização da fenomenologia sendo motivada por uma oculta metafísica da simples presença só pode ser defendida com base numa interpretação 'ontologizada' do projeto husserliano. ... a possibilidade de que a própria noção de 'ontologização' só é pensável dentro do contexto da metafísica da presença" (Hopkins, 1985, p. 194). O ontologismo detectado e condenado por Hopkins na leitura derridiana de Husserl comporta duas características básicas: 1) "... a insensibilidade à nuance reflexiva que diferencia a modalidade ôntica de ser e a consciência temática reflexiva da experiência subjetiva de ser"; 2) "... a compreensão do sentido revelado fenomenologicamente ser predicável de, correlativo a, senão homogêneo com os ingênuos (não-críticos) dados das reflexões de mais baixo nível" (Hopkins, 1985, p. 202). Nas primeiras, bem como nas demais *Investigações Lógicas*, foco da análise derridiana, Husserl não teria desenvolvido reflexões de mais alto nível, circunscrevendo-se a uma abordagem epistemológica e lógica, incompatíveis com o enquadramento ontológico proposto por Derrida. O intérprete americano entende que "o contexto reflexivo da fenomenologia transcendental e a resultante contínua auto-crítica transcendental impede atribuir à sua cognição de uma essência de qualquer tipo de telos determinado ou indeterminado" (Hopkins, 1985, p. 213). A abordagem de Hopkins, embora inspiradora em certos aspectos pontuais, incorre em duas chaves de leitura comprometedoras da leitura em seu conjunto: 1) A separação rígida entre dois momentos da obra husserliana (a primeira de caráter lógico e epistemológico, e a segunda de cunho ontológico, operada pela 'virada transcendental' presente nos volumes das *Ideias*; 2) O privilégio das descrições husserlianas pós-transcendentais sobre as pré-transcendentais.

HUSSERL, E. *L'origine de la géométrie*. Traduction et introduction par Jacques Derrida. Paris, PUF, 1962.

_____. *Cartesianische meditationen und Pariser Vorträge*. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.

_____. *Die Idee der Phänomenologie*. Fünf Vorlesungen. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.

_____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff Publishers, 1950.

_____. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1976.

_____. *Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstesens (1893-1917)*. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1969.

_____. *Philosophie der Arithmetik*. Mit ergänzenden Texten (1890-1901). The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1970.

_____. *Formale und transzendente Logik*. Versuch einer Kritik der logischen Vernunft. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1974.

_____. *Logische Untersuchungen*. Erster Teil. Prolegomena zur reinen Logik. Text der 1. und der 2. Auflage. Halle: 1900, rev. ed. 1913. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1975.

_____. *Logische Untersuchungen*. Zweiter Teil. Untersuchungen zur Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. In zwei Bänden. Halle: 1901; rev. ed. 1922. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1984.

KATES, J. *Derrida, Husserl, and the commentators: Introducing a developmental approach*, 2003. (Husserl Studies, 19). p. 101-129.

_____. *Essential History: Jacques Derrida and the development of deconstruction*. Illinois: Northwestern University Press, 2005.

LAWLOR, L. *Derrida and Husserl: the basic problems of phenomenology*. Indiana, Indiana University Press, 2002.

MULLIGAN, K. How not to read: Derrida on Husserl. *Topoi*, n. 10, p. 199-208, 1991.

O'CONNOR, P. *Derrida: Profanations*. London, Continuum, 2010.

ONATE, A. M. Consciência imaginativa, fantasia e método em Husserl. *Rev. Filos. Aurora*, Curitiba, v. 22, n. 31, p. 347-378, jul./dez. 2010.

SALVIOLI, M. Oltrepassare il segno: Derrida e Ricoeur lettori di Husserl. *Rivista Segnie e Compresione*, Lecce, v. XVI, n. 45, p. 26-42, 2002.

SCHWAB, M. The rejection of origin: Derrida's Interpretation of Husserl. *Revista Topoi*, Netherlands, n. 5, p. 163-175, 1986.

Endereço postal:

UNIOESTE – PPG-Filosofia
Rua da Faculdade, 645 – Jardim Santa Maria
85903-000 Toledo, PR, Brasil

Data de recebimento: 16/07/2013

Data de aceite: 12/11/2013